

PODE O ERÓTICO NA ACADÊMIA?

VANESSA CRISTINA DIAS¹; ALINE ACCORSSI²; URSULA ROSA DA SILVA³

¹UFPEl – vanessacristiandias_live.com

²UFPEl – alineaccorssi@gmail.com

³UFPEl – ursularsilva@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Esse texto, que se pretende um pequeno manifesto, surge após a defesa da dissertação de mestrado intitulada '**Dissertação-ensaio com e sobre o erótico:** experiências estéticas e poéticas por meio de uma escrita de si' realizada no Programa de Pós-graduação em Educação da UFPEl. Me vi, na reta final da elaboração da dissertação, diante de um terrível mal-estar causado pela academia.

Minha intenção aqui, é abrir uma série de provocações. Não pretendo assim, dar qualquer tipo de encerramento à discussão. Pelo contrário, me interessa usar deste suporte, neste evento, justamente para dar abertura ao que me parece urgente no ambiente acadêmico.

Escrever sobre o erótico, tomando-o como um conceito filosófico em oposição às noções cristalizadas que apenas o relacionam ao universo da sexualidade, foi um desafio teórico. Me distanciei da ideia de erótico há muito legitimada na universidade, pois esta configura uma Face única para Eros (DOMINGUES, 2015), e passei a compreender o erótico de modo ampliado, como uma força, uma potência, uma vontade, uma pulsão que excita todo o corpo e se direciona ao prazer (LORDE, 2019; ROLNIK, 2018; PRECIADO, 2018). Em outras palavras, passo a entender que o erótico “tem a ver com a afirmação da nossa capacidade de prazer. Relaciona-se, assim, com um requerimento interior de excelência, em sentirmos prazer em cada dimensão de nossas vidas” (BACELLAR, 2020, p. 291).

No entanto, fui além, e reivindiquei o erótico ampliado também em oposição a cafetinagem da vida (ROLNIK, 2018), que nada mais é do que a forma atual de espoliação total de nossa subjetividade para que respondamos somente ao *status quo*. Quando cafetinados, nossa linguagem, nosso corpo, nosso prazer e nossos desejos são capturados pelo neoliberalismo em toda sua radicalidade, para que vivamos sob seus desígnios. Em outras palavras, refere-se a uma “reprodução monotônica e anêmica da sobrevivência, de um modo miserável e infecundo de existir” (DIAS, 2024, p. 121).

2. METODOLOGIA

A análise crítica da realidade desde minhas experiências (MIÑOSO, 2020), junto de um diálogo teórico, serve de suporte para as denúncias, questionamentos e apontamentos que aqui teço. Faço ainda, o uso da raiva seguindo os conselhos de Audre Lorde (2019), ao combater o que nos desumaniza e de bell hooks (2013), que nos diz para “Transformar a raiva interiorizada em uma energia construtiva e autoafirmava que possamos usar de modo eficaz para resistir à dominação” (HOOKS, 2013, p. 147). Nesse caminho, considero também o alerta de Suely Rolnik (2018) acerca da decifração, elabora e interpretação dos incômodos que nos perpassam. Pois, se mal interpretados, eles se convertem em ressentimento e ódio

(ROLNIK, 2018), não em erótico. Sendo assim, abandono o “rigor do método”, para “dar língua aos afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2016, p. 23).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A universidade, reproduzindo a lógica capitalista e colonial, me cafetinou. Me vi, dentro da instituição e seus jogos de poder, me conduzindo como uma “empresária de si” (FOUCAULT, 2008; HAN, 2017), uma máquina-orgânica que deve produzir, cumprir os prazos, encher o lattes a qualquer custo. Em uma sociedade que prima pelo desempenho, passamos a nos constituir a partir da noção do verbo “poder” e não mais do verbo “dever”. Com as novas nuances do capitalismo globalizado, a necessidade de sucesso e o medo do fracasso nos é inculcado. Para ser bem-sucedido, é preciso ter o máximo de desempenho. Se não atingirmos bons resultados, a nossa desgraça é nossa própria responsabilidade (HAN, 2017).

Há uma série de normalizações e regulações em função de um acadêmico hiperprodutivo, que acaba por produzir e aprofundar desigualdades, dificultando os processos de aprendizagem dentro da universidade. Há uma economização da vida que precariza as possibilidades de sentirmos prazer e satisfação plena em nossas jornadas acadêmicas, de modo que ficamos à mercê de interpelações e comparações com os outros que são o padrão desejável, completo, universal da sociedade. Toda essa dinâmica tóxica atingiu em algum nível minhas relações interpessoais. Na universidade passei ter como mote a competição e a utilidade. Isto é, o outro não é o ser que pode me afetar, transformando-me, mas outra máquina-orgânica que me é útil, conveniente ou não e, se não tem utilidade, é preciso superá-lo, ser mais bem sucedido que ele. O lucro, não é necessariamente imediatamente financeiro, mas pode vir a ser, caso uma disputa por bolsa leve em consideração apenas o desempenho acadêmico e não o histórico financeiro dos concorrentes. Ainda assim, há um lucro de ordem simbólica que se refere ao status que certos alunos adquirem quando defendem os interesses dos professores, limando a força coletiva de sua própria classe. Desse modo, Eros encontra-se ausente (HAN, 2017) na universidade.

Outra questão, é a constante anulação do corpo nos espaços institucionais educativos (HOOKS, 2013). A academia, via de regra, pede que sejamos neutros, racionais e, que deleguemos nossa sensibilidade corpórea e psíquica ao âmbito privado, dicotomizando a própria vida. Mas, sem corpo não há erótico. Além disso, com a aceleração da produtividade, pouco tempo sobra para sentir. Sem sentir, nos tornamos anestesiados, indiferentes às injustiças e crises de um sistema falido como o capitalista. Todas essas problemáticas abrem caminho profícuo para que um mal-estar ou até um adoecimento se dê com estudantes, pois pode introjetar a sensação de incapacidade constante, levando os discentes ao desgaste e afastando-os das possibilidades do erótico nesse ambiente. Aconteceu comigo¹, vêm acontecendo com outros tantos (MENDA *et. al.*, 2022). Isto, porquê nem adentrei às atuais questões concernentes as catástrofes climáticas.

Por óbvio, o mal-estar e o adoecimento que citei, não ficam restritos ao corpo discente, mas atinge também o corpo docente e de técnicos administrativos, já que o extrato da cafetinagem é a deterioração da vida, que hoje atinge o limite, ameaçando a continuidade de nossas existências (ROLNIK, 2018).

¹ Me encontro em tratamento psiquiátrico com antidepressivos.

4. CONCLUSÕES

Fazendo eco à pergunta de Espinosa: “O que pode um corpo na universidade?” Há espaço na Universidade, para sentir sem anteparos? Ou até para trocar afeto? É possível desfrutar de bons encontros e momentos? Dá pra sentir prazer? Como romper com a cafetinagem na universidade, abrindo fissuras eróticas?

Começaria por dizer que os professores universitários que desconstruíram o erótico ou jamais reconheceram esse recurso em suas práticas pedagógicas, “têm de encontrar de novo o lugar de Eros” (HOOKS, 2013, p. 264), permitindo-se serem mais guiados pela paixão e menos pelo tão ordinário ceticismo. Porém, para ser justa, preciso enaltecer as professoras que encontrei em minha jornada acadêmica e que tem estreita relação com Eros. Cada uma delas a sua própria maneira, ousa subverter a divisão binária entre mente e corpo, permitindo que as/os alunas/os e a própria professora, estejam “presentes por inteiro – e, conseqüentemente, com todo o coração – na sala de aula” (HOOKS, 2013, p. 256), são elas: Ursula Rosa da Silva, Nádia da Cruz Senna, Maria Manuela Garcia, Aline Accorssi, Thays Tonin e Helene Sacco, pois, elas ensinam com o corpo, deixam ele falar na sala de aula. É possível sentir o prazer que elas sentem em expor e partilhar ideias, epistememes, conteúdos. Além disso, elas rompem as fronteiras entre academia e vida comum, entre o pensar e o sentir. O erótico ampliado está sempre presente em suas aulas e encontros. E, o erótico quando está presente na sala de aula, “pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos” (HOOKS, 2013, p. 258). Isto é, a abertura ao erótico permite que a aprendizagem seja prazerosa, saudável e frutífera.

Isso nos dá pistas de que o erótico é possível no ambiente acadêmico. Deste modo, para construirmos uma universidade erótica, “é preciso cuidar primeiro de si próprio, da sua própria sensibilidade” (INOCÊNCIO, 2021, p. 176). Elaborar nossas dores e incômodos de forma mais saudável, para que coletivamente possamos sentir prazer, afinal o erótico diz respeito ao “prazer com” (PRECIADO, 2018, p. 45). O outro, é extremamente importante, sem uma relação aberta com a alteridade, Eros entre em completa agonia (HAN, 2017). Então, precisamos estreitar os laços, produzir bons encontros, agarradas/os a ética, para que o mote seja a “afirmação da vida ao invés do lucro, o comunalismo ao invés do individualismo, o “estar” ao invés do empreender, seres em relação em vez de seres em constantes divisões dicotômicas, em fragmentos ordenados hierárquica e violentamente” (LUGONES, 2014, p. 949). Se imbricamos a ética a medula do que propus como erótico ampliado, podemos resistir “aos modos de subjetivação hegemônicos da racionalidade pura da modernidade e, da competição e espetacularização do neoliberalismo” (DIAS, 2024, p. 114), permitindo que a vida se afirme sobre ela mesma e não sobre o *status quo*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACELLAR, Camila Bastos. À beira do corpo erótico descolonial, entre palimpsestos e encruzilhadas. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**. Sexualidades do sul global. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 284-296.

DIAS, Vanessa Cristina. **Dissertação-ensaio sobre o erótico**: experiência estética e poética por meio de uma escrita de si. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024. 169p.

DOMINGUES, Josiane Vian. **As mil faces de Eros**: relações de poder-saber produzidas sobre o erotismo na Scielo Brasil. 2015. 148 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências; Química da Vida e Saúde, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

HAN, Byung-Chu. **Agonia do Eros**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INOCÊNCIO, Raísa. Saber-Comer, Comer o Saber. **Das Questões**, v. 11, n. 1, 2021.

LORDE, Audre. Usos do erótico: o erótico como poder. In: LORDE, Audre (org.) **Irmã outsider**. Ensaios e Conferências. 1^a ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014.

MENDA, Cynthia. *et. al.* Perfil das equipes de assistência estudantil nas universidades federais do Brasil no atendimento à saúde mental dos estudantes. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 591-608, set. 2022.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**. Perspectivas Descoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 111-137.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. n-1 edições. 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo (2^a. ed.). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. n-1 edições, 2018.